

Sem Terra à Vista Obras da coleção Norlinda e José 18 Abr 26 - 24 Jan Paula Cabaleiro 27

Alexandre Baptista
Ana Jotta
Ana Vieira

João Maria Gusmão & Pedro Paiva
João Pedro Vale & Nuno

Glenda León
Gonçalo Pena
Hubertus Hierl

Alexandre
Ferreira
André Cepeda

André Romão
Anish Kapoor
Bernardí Roig

Chéri Samba
Christian Boltanski
Susana Mendes
Augusto Alves da Silva
Cristina Iglesias
Edgar Martins
Inês Osório Silva

Helena Almeida
Isabel Cordovil
Daniel Blaufuks
Mel Bochner
João Louro

Carla Filipe
Carlos Correia
Carmen Calvo
Carlos Noronha Feio
Charles Juhasz-Alvarado
Cindy Sherman
Julião Sarmiento
José Pedro Croft

Edson Chagas
Eduardo Batarada
Jiri Georg Dokoupil
Fernando Calhau
Fernão Cruz
João do Vale
João Maria Gusmão & Pedro Paiva
João Tabarra
Pedro Cabrita Reis
Joel Sternfeld
Mónica de Miranda
Eva Lootz
Jorge Molder
Miguel Januário
Rita GT

Gonçalo Mabunda

Shi Lifeng

Paula Rego
Rigo23

Kcho
Stefanie Schneider
Leon Golub
Luís Paulo Costa

coleção

Rui Chafes
Rita GT
Marta María Pérez Bravo

Mel Bochner

Filipe Volker Marques
Charles Juhasz-Alvarado

Mattia Denisse
Marie-Paule Nègre
Horst P. Horst
Victor Elschansky
Svetlana Melik-Nubarova

Pedro Cabrita Reis
Susanne Themlitz
Mauro Cerqueira
Gonçalo Mabunda

Pierre Houès
Ana Jotta

Gonçalo Robin Hammond
Pena

Shi Lifeng
Robin Hammond
Yonamine

Ana Vieira
Rui Toscano

Eva Lootz
Edgar

José

18

André Cepeda
Alexandre Baptista
Yonamine
Carla Filipe
André Romão
Vanessa Beecroft
Horst P. Horst
Svetlana Melik-Nubarova
Anish Kapoor
Hubertus Hierl
Bernardí Roig
Filipe Volker Marques

Susana Mendes Silva
Susanne Themlitz
Carla Filipe
Yonamine
Horst P. Horst
Bernardí Roig
Filipe Volker Marques
Carlos Correia
Carlos Noronha Feio
Carmen Calvo

Lima

Paul Blanca
Daniel Barroca
Edson Chagas
Fernão Cruz
Cindy Sherman
Pierre Houès

Curadoria
Curated
by:

Abr

26

- 24

Jan

Paula

Victor Elschansky
José Nicolas
Helena Almeida
Rui Toscano
João do Vale
David LaChapelle
Stefanie Schneider
Isabel Cordovil
Daniel Blaufuks
João Pedro Vale &
Marta María Pérez Bravo
João Louro
Musa paradisiaca
Nuno Alexandre Ferreira
José Pedro Croft

Jorge Molder

Julião Sarmiento

Miguel Januário

Jiri Georg Dokoupil
Mónica de Miranda

Susana Mendes Silva
Susanne Themlitz
Carla Filipe
Yonamine
Horst P. Horst
Bernardí Roig
Filipe Volker Marques
Carlos Correia
Carlos Noronha Feio
Carmen Calvo

Mattia Denisse
Joel Sternfeld
Luís Paulo Costa
Maria Oliveira
Fernando Calhau

Cristina Iglesias

Marie-Paule Nègre

Vanessa Beecroft

Rui Chafes

27

Paul Blanca

Sem Terra à Vista
Reflexões sobre este mundo de incertezas contemporâneas, a partir de uma nova revisão da Coleção Norlinda e José Lima

My little boat,
Take care,
There is no
Land in sight.
— Charles Simic

Sem Terra à Vista. Navegar perante a barbárie, sem um mapa que desenhe uma promessa, é antecipar a deriva rumo ao naufrágio. Perscrutamos o horizonte na procura de uma luz-farol que atravesse as névoas. São tempos de escuridão e desassossego. De desespero. Onde fica o norte, o nosso norte? Como é importante ter referências para intuir o caminho.

Se é que resta algum caminho.

Desfazemos as promessas de algum futuro possível, alimentando o ventre insaciável dum capitalismo feroz e maquinal, ignorando (e até negando) uma alteração climática que acelera de forma selvagem uma iniludível contagem regressiva. Exaltamos o egoísmo e a vaidade, como uma sociedade anestesiada que já não sente perante a dor do outro. Não conseguimos ser interpelados pelo massacre, pela pobreza, pela migração. O abuso. A solidão. As violências. O medo. Não somos capazes de praticar um mínimo de alteridade. Nem sequer lembrando daquela dor que foi nossa. Elevamos muros, escusando novos relatos de ódio que ampliam a fratura perante fronteiras que algum dia pensámos simbólicas. E assistimos, imóveis, a guerras e genocídios contemporâneos que fazem vacilar os alicerces das nossas democracias, cada vez mais estranguladas pela ascensão da nova-velha extrema direita. Desumanizamos. Certamente um paradoxo: aqueles

humanos que desumanizam. Desumanizamos os corpos das mulheres, as comunidades migrantes, o coletivo LGBTQIA+, as pessoas idosas, a pobreza e a deficiência. Disfarçamos de identidade cultural o neofascismo, que renasce com forças da terra onde repousam ainda quentes as suas vítimas, capturando através da desinformação e do esquecimento. E continuamos a favorecer o tráfico de mulheres e meninas, a exploração sexual e o tráfico de pessoas. Para manter o privilégio da nossa parte do mundo, aceitamos continuar submetendo à outra, esquecendo da justiça social que outrora nos (co)movia. A cátedra é hoje ditada pelo poder económico, que instrumentaliza a política para veicular discursos homogeneizantes que procuram abrigo no visceral, no emocional, erradicando qualquer tentativa de pensamento crítico e de diversidade. As desigualdades, também as de género, continuam a crescer num contexto social incapaz de valorizar o sustento da vida: os cuidados.

Arrasamos com as florestas, entendendo o paraíso como propriedade. Exploramos e contaminamos os mares e os céus, submetemos toda vida que se cruza no nosso caminho. Destruímos tudo à nossa passagem, deixando apenas cinzas. Tudo é imediato, efémero, descartável. Nada permanece. «Somos apenas fantasmas — ou memória», dizia Simic. Mesmo se lembrar no mundo da desmemória pareça já uma utopia.

Esta exposição tem como título o nome do último poemário do escritor sérvio-americano Charles Simic (*No Land in Sight: Poems*, 2022), numa tentativa de reflexão sobre as incertezas contemporâneas que hoje nos afligem, a partir duma nova revisão da Coleção de Arte Moderna e Contemporânea Norlinda e José Lima. É uma mostra que possibilita novas relações e diálogos entre obras e artistas de diferentes gerações, origens, culturas, disciplinas e abordagens técnicas, aproveitando a grande heterogeneidade e riqueza do acervo, com o objetivo de suscitar indagações e pensamento crítico no público visitante.

Assim, este projeto é o resultado de um dos maiores desafios que enfrentei até agora como comissária, mas também do privilégio de poder trabalhar com uma das mais importantes coleções privadas

do país, para poder abordar aquilo que julgo serem as grandes problemáticas da nossa sociedade atual, aquelas situações em que vivemos o conflito na primeira pessoa (do singular, do plural). Esta coleção única mistura grandes conjuntos autorais, sobretudo de artistas portugueses (de longa, média e recente trajetória), com artistas internacionais, com forte presença da arte contemporânea europeia (Espanha, França, Alemanha, Reino Unido, Itália, por aí adiante), e com a importante marca dos Estados Unidos, incluindo também uma interessante representação do hemisfério sul.

Procurando tornar o espaço do museu num lugar de encontro e reflexão, sem contornar o conflito, a exposição organiza-se em diferentes blocos temáticos, mas sem espaços fechados; pelo contrário, as próprias obras servem de ponte e criam uma certa continuidade. O percurso expositivo atravessa conceitos como a nossa fragilidade perante a desesperança e a incerteza contemporâneas; a guerra e o conflito; a polarização política, a desinformação e a desmemória; a vulnerabilidade das nossas democracias; a migração e os novos discursos de ódio perante o outro; o egoísmo, a cultura da imagem e a superficialidade na nossa sociedade; as alterações climáticas e o negacionismo; as desigualdades sociais; a desumanização das relações interpessoais; as violências machistas e a objetificação do corpo das mulheres; identidades dissidentes; a vulneração dos direitos humanos; a homofobia; o consumismo capitalista; e a devastação do planeta através da exploração selvagem dos seus recursos, entre outros.

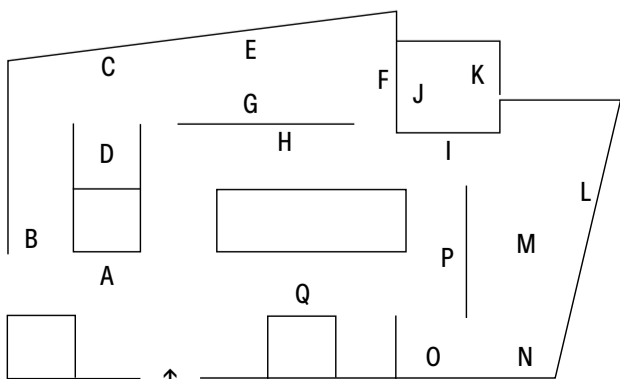
Como se depreende, *Sem terra à vista* não tenciona remeter literalmente para uma viagem certamente agónica em que não se vislumbra um horizonte, antes traduzindo simbolicamente uma profunda sensação de desespero e a crise existencial da humanidade e do sistema de valores que impera na nossa contemporaneidade. Esta exposição é, portanto, um espaço de reflexão coletiva, de fomento do pensamento crítico, apelando aos valores morais e éticos, à solidariedade e ao feminismo, num regresso necessário à humanidade e às pessoas, na procura de alguma luz, de algum possível caminho: de alguma terra à vista.

Zonas Expositivas & Blocos Temáticos

A/B/C/D	L/M/N/O
Desesperança	Migração
Incerteza	Direitos humanos
Angústia	Conflito
Desumanização	Guerra
Isolamento social	Fronteiras
	Religião
E/F/G	P
Desinformação	Feminismo e igualdade
Desmemória	Violências machistas
Controlo social	Objetificação do corpo das mulheres,
Capitalismo	Homofobia
Consumismo	
Temporalidade	
H	Q
Individualismo	Futuros utópicos-
Solidão	-distópicos
Superficialidade	
Arquétipos sociais	
I/J/K	
Desigualdades sociais	
Polarização política	
Geopolítica	
Devastação do planeta	

Direção artística Lara Soares	Mediação e participação Daniel Costa (coord.) Ângelo Costa
Curadoria Paula Cabaleiro	Bruna Santos Joana Ribeiro Mariana Rocha
Coordenação de Produção Maria Manuel Pinto	Receção Alzira Silva Sandra Santos
Registo Joana Valente	Assistente de Sala Isabel Ferreira
Coordenação administrativa Alzira Silva	
Montagem Ruídos à Sombra	Centro de Arte Oliva Rua Paula Rego 3700-119 S. João da Madeira
Iluminação Gonçalo Santarém Karina Polyanina	Terça-feira a domingo 10:00 - 12:30 / 14:00 - 17:30
Design Gráfico Inês Nepomuceno Mariana Marques	www.centrodearteoliva.pt
Audiodescrição AR Produções Lda.	

<i>Sem Terra à Vista</i>	18 Apr 26
obras da coleção Norlinda e José Lima	— 24 Jan
Curadoria:	27
Paula Cabaleiro	Alexandre Baptista
	Daniel Blaufuks
	Ana Jotta Ana Vieira
	André Cepeda
	André Romão Anish Kapoor Victor Elschansky
	Bernardí Roig
	Carla Filipe Carlos Correia Vanessa
	Carlos Noronha Feio Carmen Calvo Beecroft
	Cindy Sherman Charles
	Susana Mendes Silva Juhasz-Alvarado
	Chéri Samba Christian Boltanski
	Cristina Iglesias Daniel Barroca
	David LaChapelle Edgar Martins
	Edson Chagas Eduardo Batarda
	Fernando Calhau
	Eva Lootz Fernão Cruz
	Filipe Volker Marques Glenda León
	Gonçalo Mabunda Gonçalo Pena
	Helena Almeida
	Isabel Cordovil Jiri Georg Dokoupil
	Inês Osório
	João Louro
	João do Vale
	João Maria Gusmão & Pedro Paiva Paul Blanca
	João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira
	João Tabarra Joel Sternfeld José
	Jorge Molder Nicolas
	Hubertus Hierl José Pedro Croft
	Julião Sarmento Leon Golub Kcho
	Luís Paulo Costa Marie-Paule Nègre
	Maria José Oliveira
	Horst P. Horst Marta María Pérez Bravo
	Mattia Denisse Mauro Cerqueira
	Mel Bochner Miguel Januário
	Augusto Alves Mónica de Miranda
	da Silva Musa paradisiaca Paula Rego
	Yonamine Pedro Cabrita Reis Pierre Houlès
	Svetlana Robin Hammond Rui Chafes Rigo23
	Melik-Nubarova Rita GT Rui Toscano
	Stefanie Schneider Sara Bichão
	Susanne Shi Lifeng
	Themlitz



No Land in Sight
Reflections on a world of contemporary
uncertainty, through a new reading of the
Norlinda and José Lima Collection

My little boat,
 Take care,
 There is no
 Land in sight.
 – Charles Simic

No Land in Sight. To sail in the face of barbarity, without a chart to trace even the promise of a destination, is to drift knowingly towards shipwreck. So we scan the horizon in search of a beacon light capable of cutting through the fog. These are dark, restless times. Times of despair. Where is north, our north? How vital it is to have points of reference by which to sense the way forward—if indeed any path still remains.

We unravel the promises of any possible future, feeding the insatiable appetite of a ferocious, mechanised capitalism, whilst ignoring—and even denying—the climate crisis that is hastening, with savage force, an inescapable countdown. We exalt selfishness and vanity, like an anaesthetised society that no longer registers the pain of others. We are unmoved by massacre, by poverty, by migration. By abuse. By loneliness. By violence. By fear. We seem incapable of practising even the bare minimum of otherness, not even when recalling suffering that was once our own. We erect walls, dismissing new accounts of hatred that deepen the fractures along borders we once believed to be merely symbolic. And we stand by, motionless, as contemporary wars and genocides shake the foundations of our democracies, increasingly strangled by the rise of a new-old far right.

We dehumanise. A paradox, certainly: humans who dehumanise. We dehumanise women's bodies, migrant communities, the LGBTQIA+ collective, older people, the poor, those living with disabilities. We disguise neo-fascism as cultural identity, as it resurfaces forcefully from the very soil where its victims still lie warm, advancing through disinformation and oblivion. We continue to tolerate the trafficking of women and girls, sexual exploitation and human trafficking more broadly. To preserve the privilege of our part of the world, we accept the continued subjugation of others, forgetting the social justice that once moved us. Authority is now dictated by economic power, which instrumentalises politics to disseminate homogenising discourses that take refuge in the visceral and the emotional, eradicating any attempt at critical thought or diversity. Inequalities, including those rooted in gender, continue to widen within a social context incapable of valuing that which sustains life: care.

We raze forests, treating paradise as property. We exploit and pollute seas and skies, subjugating all forms of life that cross our path. We destroy everything as we advance, leaving only ashes in our wake. Everything is immediate, fleeting, disposable. Nothing endures. "We are only ghosts—or memory," Simic wrote. Even if, in a world given over to oblivion, the act of remembering begins to feel utopian.

The exhibition takes its title from the final poetry collection by the Serbian-American writer Charles Simic (*No Land in Sight: Poems*, 2022), seeking to reflect on the uncertainties that weigh upon the present moment through a new reading of the Norlinda and José Lima Collection of Modern and Contemporary Art. It opens up fresh relationships and dialogues between works and artists from different generations, backgrounds, cultures, disciplines, and technical approaches, drawing on the breadth and richness of the collection to foster critical reflection and enquiry among visitors.

As such, this project has been one of the most demanding challenges I have undertaken to date as a curator, yet also a privilege: the opportunity to work with one of Portugal's most important private

collections in order to address what I consider the defining issues of our society—those situations in which conflict is experienced first-hand, both individually and collectively. The collection's singularity lies in its convergence of major bodies of work, particularly by Portuguese artists (spanning long-established, mid-career, and emerging practices), alongside international artists, with a strong presence of European contemporary art (notably from Spain, France, Germany, the United Kingdom, Italy, and so on) as well as significant holdings from the United States, whilst including a compelling representation of artists from the Global South.

In seeking to position the museum a place of encounter and reflection without evading conflict, the exhibition unfolds through thematic clusters rather than fixed sections. The works operate as bridges, generating a sense of continuity. The curatorial journey traverses concepts such as our fragility in the face of despair and contemporary uncertainty; war and conflict; political polarisation, disinformation, and historical amnesia; the vulnerability of our democracies; migration and new discourses of hatred towards the other; selfishness, image culture, and social superficiality; climate change and denialism; social inequality; the dehumanisation of interpersonal relationships; gender-based violence and the objectification of women's bodies; dissident identities; the erosion of human rights; homophobia; capitalist consumerism; and the devastation of the planet through the ruthless exploitation of its resources, among others.

As becomes clear, *No Land in Sight* does not merely evoke a literal voyage of anguish without a visible horizon; rather, it symbolically articulates a profound sense of despair, as well as an existential crisis affecting both humanity and the prevailing value systems shaping our present. The exhibition thus proposes a space for collective reflection and the cultivation of critical thought, appealing to moral and ethical values, to solidarity, and to feminism, in a necessary return to humanity and to people in search of some glimmer of light, some possible path: some land in sight.

Exhibition Areas
& Thematic Clusters

A/B/C/D	L/M/N/O
Despair	Migration
Uncertainty	Human rights
Anguish	Conflict
Dehumanisation	War
Social isolation	Borders
	Religion
E/F/G	P
Disinformation	Feminism and equality
Oblivion	Gender-based violence
Social control	Objectification
Capitalism	of women's bodies,
Consumerism	Homophobia
Temporality	
H	Q
Individualism	Utopian-dystopian
Loneliness	futures
Superficiality	
Social archetypes	
I/J/K	
Social inequality	
Political polarisation	
Geopolitics	
Planetary devastation	

Artistic director Lara Soares	Mediation and participation Daniel Costa (coord.) Ângelo Costa Bruna Santos Joana Ribeiro Mariana Rocha
Curator Paula Cabaleiro	Reception Alzira Silva Sandra Santos
Production coordination Maria Manuel Pinto	Gallery Attendant Isabel Ferreira
Registrar Joana Valente	Installation Centro de Arte Oliva Rua Paula Rego 3700-119 S. João da Madeira
Administrative coordination Alzira Silva	Lighting Gonçalo Santarém Karina Polyanina
Graphic Design Inês Nepomuceno Mariana Marques	Audio description AR Produções Lda.

<i>No Land in Sight</i>	18 Apr 26
Norlinda and José Lima Collection	– 24 Jan 27
Curated by Paula Cabaleiro	Alexandre Baptista Daniel Blaufuks Ana Jotta Ana Vieira André Cepeda André Romão Anish Kapoor Victor Elschansky Bernardí Roig Carla Filipe Carlos Correia Vanessa Carlos Noronha Feio Carmen Calvo Beecroft Cindy Sherman Charles Susana Mendes Silva Juhasz-Alvarado Chéri Samba Christian Boltanski Cristina Iglesias Daniel Barroca David LaChapelle Edgar Martins Edson Chagas Eduardo Batarida Fernando Calhau Eva Lootz
	Fernão Cruz Filipe Volker Marques Glenda León Gonçalo Mabunda Gonçalo Pena Helena Almeida Isabel Cordovil Jiri Georg Dokoupil Inês Osório João Louro João do Vale João Maria Gusmão & Pedro Paiva Paul Blanca João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira João Tabarra Joel Sternfeld José Jorge Molder Nicolas Hubertus Hierl José Pedro Croft Julião Sarmiento Leon Golub Kcho Luís Paulo Costa Marie-Paule Nègre Maria José Oliveira Horst P. Horst Marta María Pérez Bravo Mattia Denisse Mauro Cerqueira Mel Bochner Miguel Januário Augusto Alves Mónica de Miranda da Silva Musa paradisiaca Paula Rego Yonamine Pedro Cabrita Reis Pierre Houlès Svetlana Robin Hammond Rui Chafes Rigo23 Melik-Nubarova Rita GT Rui Toscano Stefanie Schneider Sara Bichão Susanne Shi Lifeng Themlitz

